

tamente, mas com grande acerto.

Estas três brochuras são dignas de ser útilmente distribuídas entre os trabalhadores. Não há dúvida de que elas limparão os cérebros de velhos preconceitos de que desgraciadamente estão ainda impregnados.

As três brochuras acima mencionadas são editadas por

«Le Malthusien», Paris, 1914. (51, Rue Ramus, Paris, XX).

HENRI ZISLY.

NOTA DA RED. — Sobre o que pensamos quanto ao neo-malthusianismo, veja-se o que resumidamente escrevemos no nosso n.º 4 (31 de Outubro). Da liberdade do amor e da união livre esperamos poder ocupar-nos um dia com certo desenvolvimento.

mas, quando lhes mandarem voltar contra os peitos francezes. E para isso, o verdadeiro, o único meio é dar-lhes o exemplo, *aconteça o que acontecer!*

Deixemo-nos fuzilar pelos burgueses francezes antes que assassinar em nome da revolução os nossos irmãos alemães, ingleses ou russos. (\*)

Assim trabalharemos pela revolução melhor do que brincando de soldado, pois assim trabalharemos seguramente, com o nosso exemplo, pela paz entre os homens, sem a qual já hoje não pode haver revolução profunda nem duradoura.

CHARLES ALBERT.

(Les Temps Nouveaux, 11 Nov. 1905).

(\*) Tendo esta passagem provocado reparos da parte de Almereyda, que então suava revolução por todos os poros, Charles Albert explicou-a assim duas semanas depois:

«Quis dizer exactamente: — Se não houver meio de fazer coisa melhor (isto é, se for impossível ou abortar um movimento insurreccional e continuarmos sob a autoridade burguesa), deixemo-nos fuzilar pelos burgueses francezes antes que assassinar em nome da Revolução, etc. (isto é, na idea de trabalhar assim pela revolução).

«Com isso, respondi eu, antes de tudo, a essa idea de Krapótkine: sendo a França a terra da revolução, é preciso defendê-la custe o que custar. Respondia também a essa concepção — que não consigo compreender — segundo a qual se imporia, com uma guerra nacional análoga às guerras da Grande Revolução, uma revolução social, operária, económica.»

Note-se como os actualis acontecimentos dão um relêvo extraordinário à resposta de Ch. Albert (que continuará), especialmente à parte hoje publicada. E no entanto o que Krapótkine propunha não era o intervencionismo de hoje, não continha tamanha contradição, nem previa a luta entre coligações de potências, como veio a dar-se.

LEIAM, ASSINEM  
**A SEMENTEIRA**  
que reapareceu consideravelmente melhorada no dia 1 de Janeiro.  
A venda em todos os locais onde se vende A AURORA.  
AVULSO, 2 CENT.  
ASSINAT. POR ANO, \$24  
Correspondência, etc., para o  
CAIS DO SODRE, 83  
Lisboa — Portugal

ANTES-DA GUERRA

Antimilitarismo e revolução

CHARLES ALBERT RESPONDE A KRAPÓTKINE

II

KRAPÓTKINE pede-nos que sejamos ao mesmo tempo revolucionários antimilitaristas e nacionalistas revolucionários. Como nota ele que semelhante attitude é praticamente insustentável?

Entrando no caminho das concessões e dos *distinguo*, a propaganda antimilitarista, tal qual é feita hoje nos meios operários francezes — perderia todo o seu impeto e clareza. Deixaria de penetrar. Prestando-se às confusões intencionais dos adversários, detida a cada instante pelas discussões capciosas, acabaria por perder nisso a sua confiança em si própria.

Encarando-se as coisas como desejaria Krapótkine, surge logo uma dificuldade da qual nos é quase impossível sair. Se desde já prevêdes a necessidade de defender a França revolucionária contra o estrangeiro — dizem-nos — porque não colaborais desde já nessa defesa e porque vos ariscais a enfraquecê-la com a vossa propaganda?

Krapótkine responde: Nunca o exército regular salvou nemi defendeu coisa alguma. Nada comprometemos, portanto. Só o povo armado, o povo sublevado, é que é capaz de repelir o estrangeiro. O único dique a opor a uma invasão alemã será a guerra popular, a revolução.

Mais hipótese, com sentimento à roda. Porque, ante os terríveis meios da guerra moderna, já não temos o direito de afirmar que os batalhões de francos-atiradores e de garibaldinos serão sempre os mais fortes. Já se não improvisa a defesa nacional como no tempo em que os mais mortíferos engenhos de guerra consistiam em alguns maus canhões.

Em todo caso, ficaria o nosso antimilitarismo à mercê de

uma discussão mais ou menos feliz sobre o melhor sistema de defesa, e isso não o queremos nós.

E' preciso aceitar a guerra com tôdas as suas consequências, ou ousar encarar a idea da derrota. Porque, na realidade, não há conciliação possível. Ou o militarismo, com os seus encargos, as suas jerarquias, as suas servidões — isto é, o que o verdadeiro socialista e o verdadeiro anarquista não podem aceitar — essa defesa nacional admitida em bloco pelos Jaurès e pelos Clemenceaus como uma *cruel mas santa necessidade*, ou o antimilitarismo operário, o antimilitarismo nítido e claro, sem escrúpulos, restrições nem concessões, com uma fórmula única respondendo a tudo: greve dos soldados e suceda o que suceder!

Quanto a nós, a nossa escolha está feita. Sim, greve dos soldados e suceda o que suceder! Eis a nossa fórmula. Porque é a única clara, a única lógica e a única conforme ao nosso ideal anarquista, assim como ao nosso método revolucionário. E' além disso a única solução prática dos conflitos que se preparam. Supondo que fiquemos vencedores das ordas reaccionárias com que nos ameaçais, como havemos de resistir depois a essa reacção europeia que outra coisa não buscará senão desferrar-se? Teremos de novo que nos resguardar com um militarismo tão feroz como o nosso ou guerrear — quanto tempo? — para levar a revolução ao resto do mundo. Será pois sempre a guerra e tudo o que a acompanha!

Não, Krapótkine, não, cem vezes não. O verdadeiro, o único meio de proteger a França revolucionária é levar os nossos irmãos, os trabalhadores estrangeiros, a depalear ar-

Tribuna dos novos

Em volta dum aniversário

Fez no dia 1 do corrente mês um ano de existência e de lutas reivindicadoras, o *Eco Télégrafo Postal*.

Modernamente melhorado e possuindo em torno de si um grupo de dedicados camaradas, incansáveis e instruídos, cheios de boa vontade e amor pela causa dos oprimidos, esse jornal, desde a sua fundação, tem vindo pugnando sempre pelos interesses dos trabalhadores em geral e pelos interesses dos empregados do correio em particular, sem tibiezas nem desfalecimentos, sem medos nem covardias.

Além disso, todos os que o lêem, ali encontrarão, a par de uma defesa calorosa da sua causa, uma fonte perene de Luz, de Educação e de Instrução bases essencialíssimas para uma completa emancipação proletária.

Pois bem, apesar de tudo isto parece que ainda há quem o não queira reconhecer. Mas com esses, não se devem importar os redactores do *Eco*. Só quem não vê nem pensa é que poderá arengar essas palavras. Quanto aos outros, aos que lutam, aos que se sacrificam, esses bem vêem o seu esforço colossal e estão sempre prontos a ajudar a sua nobre iniciativa.

Imprensa como esta dignifica quem a apresenta em público. E assim, embora tardiamente, aqui deixou consignados os meus protestos de solidariedade e apoio a essa empresa grandiosa, fazendo ardentes votos por que a mesma fe, o mesmo ardor e o mesmo entusiasmo os alentem sempre na luta que encetaram.

Avante, trabalhadora!  
Viva a imprensa operária!  
Viva o *Eco Télégrafo Postal*.

Porto, Janeiro de 1916.

ANGELO D. D'AZEVEDO.

Aos correspondentes e aos assinantes

Pedimos a todos os correspondentes a fineza de liquidarem o mais breve possível as suas contas com A AURORA, a fim de não lhe criarem embaraços.

Igualmente prevenimos os nossos assinantes que estamos a proceder à cobrança das respectivas assinaturas. Pedimos-lhe, portanto, a especial fineza de se prevenir para, quando o correio os avisar, pagarem logo os seus débitos.

Esperamos que este nosso pedido seja satisfeito, pois assim não se dificultará a vida do jornal.